

Comunidade Barroso (Camamu - BA) pós 2008: a certificação e a nova configuração de quilombo*

Ana Angélica Leal Barbosa
Emily Alves Cruz Moy
Flavia Querino da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da
Bahia (UESB)
aabarbosa@uesb.edu.br
emilymoy@hotmail.com
flaviaquerino4@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é parte de um estudo etnográfico em andamento no mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, período entre 2015-2017 com crianças da Comunidade Quilombola Barroso, município de Camamu-Bahia. Para construção dos dados foram realizadas pesquisas de campo, análises documentais, leituras de periódicos, livros e pesquisas *online*. Durante as observações pretendeu-se investigar como se dá o processo de construção identitária das crianças, tendo como objetivos específicos conhecer como os estudantes expressam sua identidade na escola e analisar de que forma as relações estabelecidas na escola influenciam na construção identitária das crianças. Para além da escola, visitamos outros espaços por considerar importante e necessário conhecer como elas se relacionam, direcionando este primeiro olhar para o contexto sócio-histórico, político e cultural da comunidade.

Palavras chave: Identidade. Quilombo. Símbolo.

Abstract: This subject is a part of an ethnographic study in progress at the masters of Ethnic Relations and Contemporary, phase between 2015-2017 with children of Comunidade Quilombola Barroso, in Camamu-Bahia. To construct the data was made field research, documental analysis, reading of journals, books and online researches. During observations, it was intended to investigate the identity construction process of children, with specific goals of meeting how the students express their identity at school and analyzing how the relations established at school influence in children's identity construction.

* Esta pesquisa recebeu financiamento da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior (CAPES)

Beyond the school, we visited other spaces considered important and necessary to meet how they relate, directing this first look at

the cultural, political and sociohistorical context of the community.

Keywords: Identity. Quilombo. Symbol.

1. Comunidade Barroso

Oi! Eu sou Anacélia, sou quilombola aqui do Barroso e quero apresentar um pouco aqui da história da nossa comunidade, começar aqui pela casa. Esta casa aqui: uma das primeiras construções aqui da comunidade. É aqui... o nome dela já diz: Centro Quilombola do Barroso Daniel Docílio ¹.

Ao visitar a comunidade, numa tarde ensolarada de janeiro tivemos a oportunidade de conhecer o Centro Quilombola do Barroso Daniel Docílio (imagem 1), o lugar que atrai olhares de todos os visitantes por resguardar a história local através de objetos, fotografias, vestuários e moedas de pessoas que pertenceram ao lugar no passado e também no presente, como afirma a líder: “Eu também quero fazer aqui acervo a história das pessoas importante da Comunidade todas são importante, né, mas tem gente que deixa marcas”, em sua narrativa “tudo parece merecer fé, uma mesma luz parece iluminar todas as paredes”².

Imagem 1: Área externa do museu



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

² HALBWACHS, Maurice (1877-1945). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

Ao ouvir a líder contar a história da comunidade, a começar pela casa de taipa de valores, “uma construção antiga e a gente quer manter sempre as originalidade”, permeada de ancestralidade e legados é possível perceber através das falas e gestos o sentimento de identidade e pertencimento. Segundo Michel Pollak a memória colabora no sentimento de identidade na medida em que ela é também um fator extremamente importante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si³.

“As divisões do tempo, a duração das partes assim fixadas, resultam de convenções e costumes, e [...] exprimem também a ordem, inelutável, segundo a qual se sucedem as diversas etapas da vida social”⁴. Pensar a comunidade Barroso numa linha cronológica incita a dividi-la em antes e após 2008. Ano divisor de “águas” para o lugar que historicamente, foi considerado pelos vizinhos como “terra ruim”, infértil, dada em pagamento pelos fazendeiros aos seus empregados apenas para morar. Numa construção histórica, o ano 2008 foi então, o ano da certificação da comunidade como quilombola, um marco para os moradores, que tem suas relações de pertencimento pautadas na identidade e diferença, como afirma Silva⁵.

Identidade porque ser quilombola passou a ser uma característica de “inteireza”⁶, e diferença porque, diferente dos vizinhos que não aceitaram galgar os trâmites de certificação, traz em suas vivências elementos materiais e imateriais que as define como tal. Elas são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão⁷.

Comunidade Barroso atualmente com 35 famílias cadastradas, a presença da religião católica é predominante, porém existem em algumas casas altares de santos que entendemos também como espaço religioso. Tem uma associação de mulheres que regem a dinâmica da produção artesanal de doces, cocadas, biscoitos, macarrão, polpas de frutas, bonecos de barro, criação de galinhas, e para além, são elas, as líderes que reatualizam o cotidiano do lugar.

Ao lado da Igreja está a Escola Reunidas Barroso, construída no ponto alto, como sobre um barranco, envolta de árvores e tendo como árvore frutífera, o cacau, alicerce econômico da

³ POLLAK, Michel. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol5, nº 10, 1992, p.200-212.

⁴ HALBWACHS, Maurice (1877-1945). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

⁵ SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL. Stuart; WOODWARD. Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª Edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2000.

⁶ HALL, Stuart, 1932-2014. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu e Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

⁷ SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL. Stuart; WOODWARD. Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª Edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2000, p.40.

região, à frente da escola, um jardim de flores com o marco dos cuidados com o meio ambiente repleto de pneus coloridos, um balanço, uma gangorra, alguns bancos de madeira. O lugar das crianças, de “dentro” e de “fora” estudar, isto porque, a escola recebe estudantes que são de fazendas vizinhas e outras comunidades.

Casas que resguardam saberes e práticas são aqui, lugares que o conhecimento acadêmico daria nomes científicos, parteira e rezadeira, mulheres mais velhas, cultivam na terra de “barro ruim” valores ensinados pelos seus ancestrais entre gerações. Casas, lugares, mulheres entendidos aqui como símbolos que respondem a uma necessidade e preenchem uma função que é revelar as mais secretas modalidades do ser⁸.

Barroso das plantações de mandioca, cultivo do cacau e do cravo, é também lugar do samba de roda, composto por mulheres, que fazem a poeira subir ao som da musicalidade e tradição, como rememora a líder: “eita eu já dancei muito aqui muita festa[...]dançavam com essa radiola, eu digo, o mas é o que a gente tinha engraçado que ficava todo mundo em silêncio e a gente só no checo checo checo no arrasta pé do chinelo no salão e não importava”. Nesta fala, Anacélia expressa sua alegria em ter vivido momentos festivos na comunidade ao som da radiola, e acrescenta: “A gente dançava ao som de saquê, aqui minha mãe, meu pai, meus avós e até bisavós já dançaram com a radiola [...]a gente dançava também.” Uma relação geracional, onde a tradição foi perpassada entre quatro gerações e que hoje ainda se faz presente, e assim Eric Hobsbawn, ao abordar a “tradição inventada” afirma que tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado⁹.

⁸ ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.8-9.

⁹ HOBBSAWM, Eric. “Introdução” In: HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9.

Imagem 2: Radiolas do museu

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Nos lugares fincamos nossas raízes, entretanto esse lugar é simbólico e opera na estruturação do sentido. Entretanto, o espaço é físico e pode ser “cruzado” num piscar de olhos – por avião a jato, por fax ou via satélite¹⁰. O lugar que faz da nossa experiência etnográfica um revisitar as memórias de infância, na “roça” chupando cacau, banho em bacia de alumínio, fogão à lenha, agora com uma nova configuração espacial, o acesso à energia, internet, água encanada, telefonia, até causa a impressão de homogeneidade, mas, nas entrelinhas do cotidiano, surgem elementos simbólicos que definem o grupo étnico pesquisado.

Mircéa Eliade ao abordar sobre a resignificação simbólica afirma que a mais pálida das existências está repleta de símbolos, o homem mais ‘realista’ vive de imagens. Repetindo, e conforme ficará abundantemente ilustrado pelo que se segue, os símbolos jamais desaparecem da atualidade psíquica: eles podem mudar de aspecto; sua função permanece a mesma. Temos apenas de levantar suas novas máscaras¹¹. Logo, as imagens e os símbolos retomam a cena do passado no presente através da nossa psique sempre que somos tomados por lembranças que marcaram nossas vidas.

Marise de Santana afirma que, os elementos simbólicos presentes na totalidade da cultura brasileira indicam o que é real a cada grupo étnico. Realça e identifica mitos, ritos, língua,

¹⁰ HALL, Stuart, 1932-2014. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu e Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. p. 42.

¹¹ ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.12-13.

regras, isto é, apresentam o real significado e sentido de uma cultura¹². Neste grupo em estudo, podemos destacar alguns elementos simbólicos (imagem 3) que são parte da cultura, e que a líder afirma:

[...] uma coisa muito importante da Comunidade, que hoje existe bem pouco, é as ladainhas, as devoções aos santos. A gente tinha ladainha de Bom Jesus da Lapa. Todoromeiro quando chegava da Lapa tinha aqui que fazer essa ladainha. Tinha a de Santa Luzia era o quê mais comum que tinha aqui. Bom Jesus em Santa Luzia e hoje essa cultura tá se perdendo um pouco, né, a vizinha vinha da Lapa e vai ter que fazer a ladainha e depois a ladainha tinha o samba que era a coisa mais gostosa, às vezes levava até 2 dias de samba e hoje está se perdendo¹³

Imagem 3: Altar de santo do museu



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora.

Ao mencionar alguns trechos da entrevista como “hoje existe bem pouco”, “hoje essa cultura tá se perdendo um pouco né”, entendemos que a líder afirma que mesmo com as novas configurações de vida nos diversos espaços, sejam eles quilombolas e outros, alguns aspectos culturais podem ser ressignificados como um fio de linha que não se rompeu com os avanços seculares, o que Eliade aponta como “a dessacralização incessante do homem moderno que alterou o conteúdo da sua vida espiritual”¹⁴, mas ainda assim, a ressignificação é parte de sua cultura, em seu modo de relacionamento humano com seu real¹⁵. Atualmente, os processos da

¹² SANTANA, Marise de. ODÉ ERÊ: Espaço de Construção do Conhecimento Afro-brasileiro. In: *Odeerê: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014, p.65.

¹³ Entrevista Anacélia realizada em 27/08/2015 na comunidade Barroso.

¹⁴ ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.14.

¹⁵ SODRÉ, M. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 3. Ed, p.37.

globalização têm distanciado, mesmo que de forma parcial, as práticas que estiveram presentes no cotidiano de nossos antepassados, mas, esse “bem pouco” e “um pouco” retratam o impacto da globalização sobre a identidade¹⁶, mas que não apaga a prática de reunir as pessoas após suas viagens devocionais para “fazer as ladainhas” traduzindo as dimensões temporais e espaciais, como afirma Stuart Hall¹⁷.

É válido salientar que tais discussões presentes neste artigo têm como fontes as contribuições das atividades realizadas no ODEERE – Órgão de Educação e Relações Étnicas e do Grupo de Pesquisa Educação e Relações Étnicas: saberes e práticas do Legado Africano e Indígenas (CNPQ/UESB). Desta forma, nada mais justo que trazer para nossas discussões contemporâneas as comunidades quilombolas e suas novas configurações enquanto espaços de resistência, afirmação das identidades e pertencimentos e de presença dos legados africano e europeu.

2. A certificação e a nova configuração de Quilombo

A gente já tinha associação a muito tempo.

Até que a gente não andava correndo atrás, a gente só sabia já tinha um acompanhamento com o pessoal do Koinonia que falava sobre essa questão de quilombola. Na verdade, veio um pessoal da Inglaterra fazer pesquisa sobre comunidades de povos negros né. E daí eles falaram pelo que ele pesquisou e viu aí e viu identidade da gente correspondia com o que dizia, aí foi que a gente descobriu, o que é era sim ser quilombo¹⁸.

Após apresentar uma descrição etnográfica da comunidade, falaremos sobre a identidade enquanto aquela que é parte de nossa subjetividade, porém, só é afirmada no encontro com o “outro”, e aqui, o “outro” entre parêntese porque este também traz em si, elementos constituintes de sua subjetividade, são materializados simbolicamente através do encontro enunciando as diferenças entre o “Eu” e o “Outro” que são os de fora.

Segundo Hall a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros¹⁹. Para Woodward a

¹⁶ HALL, Stuart, 1932-2014. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu e Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. p.40.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Entrevista realizada com a líder da comunidade – Ana Célia, em 29/01/2016.

¹⁹ HALL, Stuart, 1932-2014. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu e Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014, p. 24.

identidade é marcada pela diferença e por meio de símbolos, logo, é compreendida como relacional por ter uma marcação simbólica relativa a “outras” identidades²⁰.

Consideramos que, como num jogo de complementariedade a identidade é materializada no encontro da “falta” com a “inteireza” citada por Hall e Woodward²¹, e para que a mesma seja afirmada se faz necessário o encontro, com o “outro”, com o mundo, com a natureza e todos os elementos que nela existem, ao passo que, as relações é uma mola propulsora para o alcance dessa “inteireza”.

No encontro com o “Outro” a descoberta: “o que é ser quilombo.” A “inteireza se deu, a partir do momento que “eles falaram” que havia relação entre o perfil do povo do Barroso e das comunidades de povos negros pesquisados. Os quilombos fizeram parte da história do Brasil, como movimento social que aconteceu por todo território, desde o século XVII até a abolição da escravatura em 1888²². Movimento este que, não teve fim, após a assinatura da Lei Áurea em 1888, é importante deixar em evidência que, após o fim do período escravista, os africanos tiveram que conquistar seus espaços na sociedade brasileira.

Para Nascimento, os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativeiro e da organização de uma sociedade livre. A multiplicação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente²³.

De uma forma geral, pode-se dizer que, no Brasil, nos últimos vinte anos, com o suporte de movimentos sociais, de diferentes matizes, a legislação tem sido um poderoso instrumento indutor de políticas públicas multiculturais. [...]. Várias comunidades quilombolas puderam regulamentar a posse de propriedades deixadas por seus ancestrais.²⁴ Desta forma, após a Constituição 1988, embasados na lei, os movimentos sociais e Movimento Negro firmaram suas

²⁰ SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL. Stuart; WOODWARD. Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª Edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2000, p. 9

²¹HALL, Stuart, 1932-2014. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu e Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL. Stuart; WOODWARD. Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª Edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2000

²² SILVA FILHO, João Bernardo da. *Quilombolas: resistência, história e cultura* / João Bernardo da Silva Filho, Andreza Kelly Lisboa Fernandes Pinto. São Paulo: IBEP, 2012, p. 29).

²³ NASCIMENTO. Abdias. Quilombismo Um Conceito Emergente Do Processo Histórico-Cultural Da População Afro-Brasileira. In: *Afrocentricidade Uma Abordagem Epistemológica Inovadora* Coleção Sankofa, vol. 4 Elisa Larkin Nascimento, Org.

²⁴GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos* / Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. 5. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p.91.

bases a fim de garantir os direitos já dispostos na lei, principalmente no que se referia as comunidades negras do Brasil.

No contexto das discussões na contemporaneidade, várias ONG's desenvolvem trabalhos que contribuem para a "inteireza" das comunidades negras, e no Barroso foi "o pessoal do Koinonia²⁵ que falava sobre essa questão de quilombola", afirma a líder. Entendo que, neste primeiro momento foi dada pouca importância ao assunto, podendo estar imbricadas questões outras que não foram reveladas na entrevista, e isso é evidenciado através da fala "Até que a gente não andava correndo atrás", mas, a chegada "deles", os pesquisadores da Inglaterra, foi como um despertar para a identidade quilombola. Basta encontrar com uma pessoa de outra cultura, mesmo em seu próprio país, para que a fronteira étnica como estandarte da alteridade e da separação indissolúvel seja suscitada.²⁶

Aí foi que a gente tava ainda pesquisando pra descobrir o que era isso? Se a gente era mesmo. Assim, com isso o interesse dele que na época o prefeito tava interessado, eles ni um pensamento e a gente ni outro né! Tem muitas comunidades aí que até não dão mais nem ligança, mas a gente já tinha o conhecimento antes, a gente abraçou o útil ao agradável e foi que a gente conseguiu, mais a gente pra ser reconhecido agente faz todo o processo: vem primeiro um pesquisador que faz estudo, depois a gente encaminha toda a documentação, assinado pelos moradores e o estatuto da associação toda a documentação²⁷.

Barth²⁸ afirma que a atribuição de uma categoria é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica, mais geral, determinada presumivelmente por sua origem e circunstâncias de conformação. Logo, "descobri o que era isso" que os outros de fora dizem sobre o grupo de dentro (da comunidade), configura-se por uma atribuição por outros, e o processo de busca faz referência a autoatribuição em querer saber "se a gente era isso mesmo". Evidencia o interesse por parte "deles" e dos "outros", e neste sentido, é possível afirmar que houve um jogo de interesses, que se estabeleceu a partir dos benefícios

²⁵ Koinonia - Fundada em 1994, KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço é uma organização sediada no Rio de Janeiro (RJ), com atuação nacional e internacional.[...] Sua missão de KOINONIA é mobilizar a solidariedade ecumênica e prestar serviços a grupos histórica e culturalmente vulneráveis e em processo de emancipação social e política; além de promover o movimento ecumênico e seus valores libertários. Disponível em: <http://koinonia.org.br/quem-somos/sobre-koinonia>. Acesso em 17/06/2016.

²⁶ LASK *apud* BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p.21.

²⁷ Ana Célia. Entrevista realizada em 29/01/2016.

²⁸ BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p.32

evocados na execução do processo de certificação, tanto para a comunidade certificada quanto para o município que tem outras comunidades reconhecidas.

Ousamos dizer que, no momento da “intereiza” os membros compreenderam que “essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política²⁹”, o que poderia trazer benefícios futuros enquanto grupo de identidade étnica específica, como ela afirma acima.

Depois, o pessoal da AMUBS³⁰, na época teve uma reunião com os prefeitos do município, ali eles não viram falar isso, aí eles ficaram mais tocado na questão de verbas vir pro município né, até os projetos são aprovados mais, com mais facilidade quando tem comunidade reconhecida (deu ênfase a fala – como se expressasse a intenção dos prefeitos), então eles pensando nisso, eles trouxeram uma discussão com o pessoal da Fundação Cultural Palmares, que pra facilitar o acesso à certificação. Aí foi daí que facilitou pra gente é...fazer um pedido, encaminhar a documentação pedindo pra vim fazer a pesquisa e depois o reconhecimento da Fundação Cultural Palmares.

No Brasil, a auto-atribuição de identidades étnicas tem se tornado uma questão importante os últimos anos, por meio da organização política de grupos que reivindicam o reconhecimento dos territórios que ocupam, como no caso dos povos indígenas e das chamadas comunidades remanescentes de quilombos³¹.

Imagem 4: Produção de Polpas



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora.

²⁹ WOODWARD, Kathryn. Cap. I - Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª Edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2000, p.30.

³⁰ AMUBS – Associação dos Municípios do Baixo Sul da Bahia.

³¹ O'DWYER, Eliana Cantarino. Terras de quilombo: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento. *TOMO São Cristóvão-SE* Nº 11 jul./dez. 2007, p.43.

No caso da comunidade quilombola Barroso, atualmente existem projetos (imagens 3 e 4) concluídos e em andamento (o museu, a energia elétrica, a água encanada, confecção de doces, polpas de frutas, a produção de biscoitos e macarrão com massa de aipim e a construção da sede da associação), frutos da organização política dos membros, que através da associação materializam o reconhecimento do território que ocupam e afirmam seu pertencimento étnico sobre este. Um reconhecimento presente também na Certidão de Autodefinição lavrada em 25 de janeiro de 2008: O Presidente da Fundação Cultural Palmares [...] **CERTIFICA** que a **Comunidade de Barroso**, localizada no município de Camamu, Estado da Bahia. [...] **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTE DE QUILOMBO**³². Em julho de 2011, foi publicado no Diário Oficial pela Coordenação de Desenvolvimento Agrário – CDA, resolveu criar a Comissão Especial de Discriminação de Terras Devolutas, onde apresenta os hectares da área medida e demarcada, além de situar todos os limites das terras do “Território Quilombola Barroso”³³.

A certificação das comunidades quilombolas é o primeiro passo para o reconhecimento da identidade da comunidade como remanescente de quilombo e a regularização de suas terras. A emissão do certificado é de responsabilidade da Fundação Cultural Palmares, que tem como atribuição legal realizar e articular ações de proteção, preservação e promoção do patrimônio cultural das comunidades remanescentes de quilombos³⁴.

É importante salientar o marco legal na Constituição de 1988 no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) que afirma: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Confirmando ainda nos artigos 215 e 216 os direitos das comunidades negras:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão de manifestações culturais.

[...] Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da

³² Certidão de Autodefinição do Ministério da Cultura Fundação Cultural Palmares.

³³ Diário Oficial da Coordenação de Desenvolvimento Agrário –CDA (Portaria 037/2011).

³⁴ SILVA FILHO, João Bernardo da. *Quilombolas: resistência, história e cultura* / João Bernardo da Silva Filho, Andreza Kelly Lisboa Fernandes Pinto. São Paulo: IBEP, 2012, p. 55.

sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver.³⁵

Ao tecer comparações com as lutas de outras comunidades, trazemos à luz de nossas discussões, os estados do Pará e Maranhão que já havia uma luta travada desde essa década (80), mas após a Constituição várias pesquisas foram realizadas em comunidades negras. Segundo Nathalia Klein, os territórios quilombolas do município de Oriximiná, no Pará, foram os primeiros a terem seus territórios demarcados e seus títulos de posse expedidos pelo Incria³⁶ entre os anos de 1995 e 1998³⁷.

Segundo dados disponíveis no site da Palmares Fundação Cultural, entre os anos 2004 a 23 de fevereiro de 2015, o Brasil apresentou um total geral de 2.474 comunidades quilombolas reconhecidas, estando distribuídas por regiões brasileiras, conforme consta no gráfico 1:

Gráfico: 1



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da Palmares Fundação Cultural

Em análise aos resultados disponíveis no gráfico, é possível constatar que a região Nordeste se destaca, tendo atualmente um percentual em números de 1.543 comunidades reconhecidas em detrimento da região centro-oeste que apresenta menor quantitativo, apenas 119 comunidades quilombolas.

³⁵ BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988, p.139.

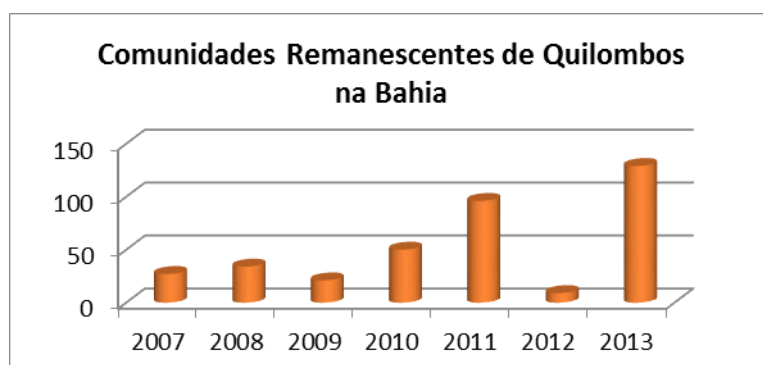
³⁶ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

³⁷ KLEIN. Nathalia S. Identidade étnica em situação de fluxo: o caso dos remanescentes de quilombo em contexto urbano de Oriximiná-Pará. In: *Processos identitários e a produção da etnicidade* / organização Eliane Cantarino O'Dwyer. – 1 ed. – Rio de Janeiro: E- papers, 2013, p.235.

Atualmente, as comunidades remanescentes de quilombos ainda causam surpresas entre nós, quando surgem notícias sobre sua existência. Elas se espalham por praticamente todos os estados da federação e têm reivindicado o reconhecimento e a posse formal de suas terras³⁸.

Entre os anos 2007-2013³⁹, no Brasil foram reconhecidas 1.362 Comunidades Remanescentes de Quilombos, sendo dessas 366 CRQs situadas no estado da Bahia (ver gráfico 2), período ao qual, o município de Camamu teve o reconhecimento de 10 comunidades quilombolas, dentre elas, a comunidade Barroso.

Gráfico 2:



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da Palmares Fundação Cultural

A pesquisa de Klein⁴⁰ realizada no município de Oriximiná, no Pará, introduziu sua escrita apresentando a questão dos territórios quilombolas do município terem sido os primeiros a serem demarcados e titulados pelo Incra entre 1995 e 1998. E define que a diferenciação étnica desse grupo nasce da relação com o Estado Brasileiro frente a promulgação da Constituição de 1988.

No caso do Território Quilombola Barroso, é possível afirmar que só após 20 anos da promulgação da Constituição de 88 foi que surgiram as primeiras relações “de dentro” com os “de fora”, que contribuíram para a diferenciação étnica, primeiro com os integrantes do Koinonia, seguido dos contatos estabelecidos com o grupo de pesquisadores ingleses e por fim, com os membros da AMUBS através do prefeito vigente na época, como foi mencionado pela líder nas falas descritas acima. Foram estas 3 bases que, juntamente com a curiosidade e interesse dos membros despertou para a diferenciação, afirmação e autoreconhecimento do território.

³⁸SILVA FILHO, João Bernardo da. *Quilombolas: resistência, história e cultura* / João Bernardo da Silva Filho, Andreza Kelly Lisboa Fernandes Pinto. São Paulo: IBEP, 2012, p. 52.

³⁹ Fonte: Palmares Fundação Cultural. Acesso em 28 de maio de 2015, às 13:30.

⁴⁰KLEIN, Nathalia S. Identidade étnica em situação de fluxo: o caso dos remanescentes de quilombo em contexto urbano de Oriximiná-Pará. In: *Processos identitários e a produção da etnicidade* / organização Eliane Cantarino O’Dwyer. – 1 ed. – Rio de Janeiro: E- papers, 2013, p.235-6.

A etnografia de Patrícia Nunes apresenta vários elementos que compõem a afirmação da territorialidade de povoados declarados e autorreconhecidos como “quilombos” no município de Alcântara, Maranhão. Dentre eles, ela destaca a questão do nome designado “tapera de preto” às comunidades remanescentes de quilombo, o conflito social (comunidade x base da aeronáutica); a doação das terras documentada; as relações de parentesco entre os membros, as definições utilizadas pelos remanescentes para definir suas fronteiras “os de dentro” e “os de fora”, as festas de santo – Nossa Senhora da Conceição, o pertencimento com o lugar de origem, e a forma de lidar como o silêncio e o segredo na perpetuação de suas raízes⁴¹.

Por meio do estudo etnográfico em andamento desta pesquisa, no Território Quilombola Barroso, encontramos também diversos elementos que compõem a afirmação étnica. Por exemplo, ao realizar a primeira visita, a líder começou a contar a história da comunidade assim: “Esta casa aqui: uma das primeiras construções aqui da, da comunidade. É aqui ela o nome dela aqui já diz: Centro Quilombola do Barroso Daniel Docílio”, como retrato no início desta escrita, imprime diversos fatos e acontecimentos que fazem parte das memórias do lugar, além de apresentar os objetos presentes no museu, elementos simbólicos e identitários que resguardam as memórias de seus membros, como ela menciona: “eu acho que, os objetos é quem conta a história da comunidade conta a história do povo⁴².”

Assim, a construção de uma identidade originária dos quilombos torna-se uma referência atualizada em diferentes situações etnográficas nas quais os grupos se mobilizam e orientam suas ações pela aplicação do artigo 68 do ADCT⁴³.

Considerações inconclusas:

A Bahia é um estado onde a diversidade cultural grita, num mesmo território com relevos diversos, caatinga, chapada, sertões, mata e litoral, um mesmo elemento estudado apresenta variações, assim como as características de ser ou ter se tornado quilombo, nem mesmo em Camamu-BA entre as 10 comunidades reconhecidas os processos se assemelham, partindo dessa

⁴¹ NUNES, Patrícia Portela. Nossa Senhora da Conceição e sua proteção a “tapera de pretos” designada “terra da pobreza”: instâncias de afirmação de uma territorialidade específica. In: *Processos identitários e a produção da etnicidade* / organização Eliane Cantarino O’Dwyer. – 1 ed. – Rio de Janeiro: E- papers, 2013.

⁴² Trecho da entrevista realizada com a líder Anacélia Pereira, no dia 27/08/2015.

⁴³ O’DWYER. Eliane Cantarino. Terras de quilombo: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento. *TOMO* São Cristóvão-SE Nº 11 jul./dez. 2007, p.44.

premissa, compreendemos que elementos únicos contidos neste texto expressam as especificidades da Comunidade Barroso de Camamu, e por ser um recorte de estudo temporal, não traz proposições vastas ao período anterior a certificação quando a comunidade ainda era organizada como associação.

Propomo-nos direcionar nesta produção o processo de certificação como movimento diaspórico, uma vez que colocou em cheque as identidades silenciadas⁴⁴ e não reconhecidas ainda como tal, e que a partir do momento que tomou uma nova performance, no jogo de mudanças e permanências, seus modos de vida e relações elucidaram uma nova conjectura em que a fronteira surge como demarcadora desta nova configuração territorial, cultural, étnica e política-social. Diásporas[...] colocam em movimento processos de miscigenação, colocam em movimento processos de hibridização, sincretismo e criouliização cultural que, forçosamente, transformam, desestabilizam e deslocam as identidades originais⁴⁵.

As fronteiras aqui mencionadas não são geográficas, mas são linhas imaginárias que existem para acentuar a presença de determinado grupo que tem suas especificidades descritas nos modos de falar, andar, vestir, suas crenças, objetos, utensílios. São subjetividades negociadas que marcam as diferenças na identidade étnica.

As fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam [...] Mas acarretam processos sociais de exclusão e de incorporação pelos quais categorias discretas são mantidas, apenas das transformações na participação e na pertença no decorrer de histórias de vidas individuais [...] as relações sociais estáveis[...] são mantidas através dessas fronteiras e são frequentemente baseadas precisamente nos estatutos étnicos dicotomizados⁴⁶.

As fronteiras não são necessariamente contemporâneas, dentro de um mesmo grupo, a relação pode ser geracional, o “outro” pode ser o antepassado, cuja negociação identitária seja pautada na afirmação ou negação das raízes. É relevante pensar que, as fronteiras são nutridas de relações que perpassam a lógica estática e linear do tempo, por isso, ela é consonante com a etnicidade, que numa visão cosmológica que é vivificada através das memórias e suas reminiscências, que ascende no grupo o desejo de viver em conjunto e perpetuar suas heranças

⁴⁴ POLLAK, Michel, Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

⁴⁵ SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª Edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2000, p.88.

⁴⁶ BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p.188.

ancestrais. Logo, as culturas locais produzem sentido, por meio das vivências e subjetividades, que identifica as pessoas como tais, e assim, constroem identidades por meio das memórias.

Os aspectos identitários do sujeito são instituídos na concepção simbólica, pautados na percepção da relação com o “outro”, e auto afirmada por representações diversas, buscando manifestar a subjetividade do “ser”. Os conceitos de identidade deslizam irresolutos, buscando atender as demandas da diversidade. Segundo Hall, a pós modernidade tem colocado a identidade em questão ao confrontar a tão especulada “crise de identidade”. Onde a identidade passa de um estado de ancoramento para a fluidez dos deslocamentos estruturais, deparando-se com a fragmentação da cultura e setorização das ordens sociais deslocando o sujeito da comodidade segura de pertencimento a um “lugar”⁴⁷.

Ousamos dizer assim que, o processo de certificação da comunidade para “Território Quilombola Barroso” pode ser compreendido como o nascimento da fronteira étnica, um acontecimento que traz à luz de nossas discussões o realce da etnicidade, como um elemento simbólico de negociação de fronteiras, e que contribuem para nossas análises e discussões acerca das construções identitárias das crianças, que já trazem em suas vivências a compreensão de que são moradoras de uma comunidade quilombola, mesmo não tendo elas, vivido o momento de transição, ou algumas sendo ainda bebês, darão continuidade ao “fazer-se quilombolas” tendo expressado suas identidades nas relações com seus pares e com os adultos, a afirmação do pertencimento étnico, as relações com a natureza e com o mundo, manutenção das identidades étnicas através das brincadeiras, contações de histórias, comidas, plantios e remédios caseiros, evidenciando que suas construções são pautadas na tradição familiar e nas relações estabelecidas com os “outros”, com uma presença expressiva de legados africano e europeu.

Referências

Fontes primárias:

Entrevista realizada em 29 de janeiro de 2016, às 16:45 a Anacélia Santos Pereira. Comunidade Quilombola Barroso.

⁴⁷ HALL, Stuart, 1932-2014. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu e Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

Fontes secundárias:

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos* / Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. 5. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu e Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HOBBSAWM, Eric. “Introdução” In: HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

KLEIN, Nathalia S. Identidade étnica em situação de fluxo: o caso dos remanescentes de quilombo em contexto urbano de Oriximiná-Pará. In: *Processos identitários e a produção da etnicidade / organização Eliane Cantarino O’Dwyer*. – 1 ed. – Rio de Janeiro: E- papers, 2013.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NASCIMENTO. Abdias. Quilombismo Um Conceito Emergente Do Processo Histórico-Cultural Da População Afro-Brasileira. In: *Afrocentricidade Uma Abordagem Epistemológica Inovadora* Coleção Sankofa, vol. 4 Elisa Larkin Nascimento, Org.

NUNES, Patrícia Portela. Nossa Senhora da Conceição e sua proteção a “tapera de pretos” designada “terra da pobreza”: instâncias de afirmação de uma territorialidade específica. In: *Processos identitários e a produção da etnicidade / organização Eliane Cantarino O’Dwyer*. – 1 ed. – Rio de Janeiro: E- papers, 2013.

O’DWYER. Eliana Cantarino. Terras de quilombo: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento. *TOMO São Cristóvão-SE* Nº 11 jul./dez. 2007.

POLLAK, Michel. Memória e identidade SOCIAL In: *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol5, nº 10, 1992, p.200-212.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SANTANA, Marise de. ODÉ ERÊ: Espaço de Construção do Conhecimento Afro-brasileiro. In: *Odeerê: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

SILVA FILHO, João Bernardo da. *Quilombolas: resistência, história e cultura* / João Bernardo da Silva Filho, Andreza Kelly Lisboa Fernandes Pinto. São Paulo: IBEP, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL. Stuart; WOODWARD. Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª Edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2000.

SODRÉ, M. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 3. Ed.

WOODWARD, Kathryn. Cap. I - Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª Edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2000.

_____. *Fundação Cultural Palmares*. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=88&estado=BA. Acesso em 28 de maio de 2015, às 13:30.

Ana Angélica Leal Barbosa: Doutora em Ciências Biológicas pela UFPR. Professora Plena do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié.

Emily Alves Cruz Moy: Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, bacharel em Administração e especialista em Antropologia com ênfase em cultura Afro-brasileira.

Flavia Querino da Silva: Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – bolsista pelo financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal – CAPES, graduada em Pedagogia (UNIME – Itabuna) e especialista em Psicopedagogia (ISEO – Itabuna).

Artigo recebido para publicação em: Março de 2016

Artigo aprovado para publicação em: Maio de 2016.